

Uma revisão da história do *pretérito perfecto* no espanhol

Leandro Silveira de Araujo¹

Recibido: 28 de septiembre de 2017 / Aceptado: 2 de marzo de 2018

Resumo. O objetivo desse trabalho é apresentar como se constituiu funcional e formalmente o *pretérito perfecto* (PP), do latim até as línguas românicas, com atenção à língua espanhola e variedades. Para isso, recuperamos pressupostos dos estudos de gramaticalização para compreendermos os processos linguísticos envolvidos na história PP. Soma-se a esse referencial teórico a observação do uso da língua em diferentes etapas de formação, comparando o uso medieval com o contemporâneo. Nossa base de dados fundamenta-se em enunciados antigos compilados por filólogos e por enunciados difundidos contemporaneamente na esfera jornalística (jornal escrito e entrevistas radiofônicas). Esta proposta se justifica por permitir a contemplação do processo de mudanças e das acomodações que vêm sofrendo os *pretéritos perfectos compuesto* e *simple*, viabilizando, por conseguinte, a compreensão de que os comportamentos descritos nas variedades do espanhol contemporâneo correspondem a um processo em construção tanto nessa língua, como nas outras línguas românicas.

Palavras-chave: Pretérito perfeito; Mudança linguística; Língua espanhola; Línguas românicas; Gramaticalização.

[en] A review of history of the *pretérito perfecto* in spanish

Abstract. This paper presents how the *pretérito perfecto* (PP) was formally and functionally composed from Latin to the Romance languages, with special attention to the Spanish and varieties. For this purpose, we recover some assumptions from the grammaticalization studies to understand the processes involved in the PP history. To this reference we added the observation of the use of the language in different stages of its formation, comparing the medieval use with the contemporary use. Our database is based on ancient textual fragments compiled by philologists and by texts spread throughout the journalistic sphere (newspaper and radio interviews). This proposal is justified by allowing the contemplation of the process of changes and accommodations that the *pretéritos perfecto compuesto* (PPC) and *perfecto simple* (PPS) have been suffering, making possible the understanding that the behaviors described in the varieties of contemporary Spanish correspond to a process under construction in this language as well as in the other Romance languages.

Keywords: Perfect; Linguistic change; Spanish; Romance languages; Grammaticalization.

Sumario. Introdução. 1. Os pretéritos no latim. 2 Do latim às línguas românicas: a mudança funcional da forma composta. 3. Do latim ao espanhol: o percurso da mudança funcional da forma composta. 4 Classificação formal do PPC nas línguas românicas: um olhar atento à definição da auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade em espanhol. 5. O desenvolvimento da oposição *perfecto simple* e *perfecto compuesto* no espanhol. Considerações finais. Referências bibliográfica.

¹ Instituto de Letras e Linguística Universidade Federal de Uberlândia
araujols@ufu.br

Cómo citar: Silveira de Araujo, L. (2018). Uma revisão da história do pretérito perfecto no espanhol, em *Revista de Filología Románica* 35, 33-59.

Introdução

A observação da história das línguas conduz-nos à percepção de um processo de (re)organização das formas destinadas à expressão do tempo passado. Segundo Andrés-Suarez (1994, p.25), formas verbais de expressão aspectual marcada passaram por um processo de mudança que culminou na criação de categorias temporais mais abstratas. Esse processo foi produto de uma mudança que se iniciou já ao fim do período indo-europeu e que só na língua latina se efetivou de forma sistemática e precisa.

Conscientes desse fenômeno de formação de *tempora*, Romani (2006), Company Company (1983, 2011), Ledgeway (2011) e Penny (2014) observaram o comportamento diacrônico do sistema temporal das variedades românicas do latim e afirmam que um dos mais importantes desenvolvimentos do sistema verbal neolatino foi a criação de formas perifrásticas destinadas à expressão da anterioridade². Tendo em vista as implicações que a criação do *pretérito perfecto compuesto* (PPC) trouxe para a expressão do passado na língua espanhola e a relativa estabilidade do *perfecto simple* (PPS) (Rodríguez Louro, 2008), grande parte das discussões suscitadas nos parágrafos seguintes se dedicará fundamentalmente ao estudo da forma composta, bem como a relação estabelecida diacronicamente com a simples.

Segundo Serrano (1994), Company Company e Cuétara Pride (2011), duas inovações decorrentes do aparecimento dos tempos compostos de anterioridade se destacam na observação dessas construções. A primeira, de caráter mais funcional, deve-se a sua consolidação nas línguas românicas expressando tanto anterioridade imediata com respeito ao tempo presente (antepresente), como alguns matizes aspectuais na expressão de ações abertas que podem se repetir em direção ao futuro. Por conseguinte, a consolidação da perífrase verbal conduziu conjuntamente à segunda inovação: a extensão da categoria de auxiliaridade³ ao verbo *habere* – que em sua origem mantinha o significado lexical pleno de “posse”. Como verificaremos, já havia no período clássico da língua latina a possibilidade de associar indiretamente *habere* com um particípio passado. Contudo, as duas formas não constituíam uma unidade funcional, pois cada uma mantinha seu significado lexical original.

Por fim, salientamos que a conclusão e desdobramento das reflexões presentes neste trabalho devem nos mostrar que a organização da expressão do passado em espanhol define-se como um processo lento e gradual verificável ainda hoje e condicionado por diversos fatores linguísticos e extralinguísticos.

A fim de revisitar o processo histórico de formação do pretérito perfeito, este trabalho se organiza em cinco partes. As primeiras três seções destinam-se à descrição do (i) funcionamento dos pretéritos na língua latina, (ii) seu percurso formativo pa-

² Entendemos as formas temporais perifrásticas de anterioridade (ou tempos compostos de anterioridade) como lexias verbais constituídas de dois elementos: um auxiliar (*habere* ou *sere*) e um particípio, que juntos expressam um significado de anterioridade relativa (Romani, 2006). Inseridos nesse paradigma estão, entre outros, o “pretérito perfeito composto” e o “pretérito mais-que-perfeito” (no espanhol, *pluscuamperfecto*).

³ Por auxiliar de tempo composto entendemos um verbo que perdeu seu significado léxico pleno e que, basicamente, carrega a informação gramatical de pessoa, número, modo, aspecto e tempo para todo o constructo formado pelo auxiliar e o verbo principal (particípio) (Company Company; Cuétara Pride, 2011).

ralelamente à criação das línguas românicas e (iii) sua história especificamente na língua espanhola. Na quarta parte, discutiremos as características do verbo auxiliar da forma composta nas línguas românicas, descrevendo, mais detalhadamente, como *haber* foi perdendo seu valor e função de verbo pleno no castelhano. Finalmente, na quinta seção, apresentamos um panorama histórico que discute como o PPS se comportou diante dos constantes avanços do PPC sobre o domínio temporal de anterioridade anteriormente reservado à forma simples.

A argumentação apresentada partirá da análise crítica de diversos estudos que descreveram a formação histórica do pretérito perfecto em espanhol e nas demais línguas românicas. A contribuição deste trabalho estará calcada, portanto, no avanço que a junção desses estudos pode trazer ao conhecimento do funcionamento das formas do PPC e do PPS, especialmente por procurar articular essa histórica com o uso que se observa nas variedades do espanhol contemporâneo. Espera-se, assim, entender o estado atual de funcionamento do PP como um recorte de uma história ampla e ainda em construção no castelhano.

Finalmente, esclarecemos que os enunciados apresentados e discutidos ao longo do trabalho são retirados da tradição literária da língua espanhola – quando se analisa os usos medievais, por exemplo – ou de textos de jornais eletrônicos ou de entrevistas radiofônicas – quando o objetivo é descrever o funcionamento atual da língua.

1. Os pretéritos no latim

O sistema verbal latino cumpria predominantemente uma função aspectual, de maneira que o morfema *amaui* – do qual se origina “*amē*” (PPS) – veiculava a percepção de uma situação terminada e pertencente, por isso, ao paradigma das formas do *perfectum*. Segundo defendem Andrés-Suarez (1994) e Penny (2014), o sentido exprimido por essa forma resulta da fusão de dois aspectos: o “perfeito” e o “aoristo”. Enquanto os traços do “perfeito” viabilizavam a expressão de duração ou resultado presente de uma ação passada imediata ou remota (*SEMPER ILLAM AMAVIT* > “ele sempre a amou (e continua amando)”), os traços do aoristo permitiam a menção a fatos passados sem duração ou relação como o momento de fala (*MULTOS ANNOS ILLAM AMAVIT* > “amou-a durante muito anos (mas já não a ama)”) ⁴.

A polissemia do PPS parece ter propiciado algum tipo de rearranjo na língua, haja vista que seu uso no latim vulgar passou gradativamente por um processo de restrição (especificação funcional), associando-se somente ao sentido aoristo (perfeito objetivo), enquanto que uma forma perifrástica, formada por *habere* e um particípio, pouco a pouco foi se constituindo e conquistando o domínio da expressão do valor de perfeito-resultativo. O avanço da nova construção no âmbito do “perfeito subjetivo” se deve a que a junção de *habeo* com um particípio “resultava muito adequado para acusar simultaneamente os matizes de presente e passado. Por meio de *habeo* se expressa a ideia de estado presente e por meio do particípio, perfeito, a de ação verificada no passado” (Andrés-Suárez, 1994, p.39).

Conforme descrevem Squartini e Bertinetti (2000), em sua origem, a construção latina de valor resultativo caracterizava-se por (i) não tornar obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado (*habere*) e o sujeito do particípio passado,

⁴ Exemplificação e tradução fornecida por Penny (2014).

(ii) atribuir um valor predicativo ao particípio passado, sendo um complemento do objeto, com o que concordava em gênero e número e (iii) *habere* manter seu valor pleno de “posse”. Conjunto de características que demonstra que o verbo *habere* não dispunha até então do *status* de verbo auxiliar e que, portanto, a expressão do valor de resultado ainda não estava vinculada a uma perífrase integralmente sistematizada na língua, mas à junção de elementos relativamente autônomos dispostos no sintagma – tal como podemos observar no enunciado (1):

(1) *multa bona bene parta habemus.*⁵

*Temos muitas coisas bem adquiridas.

Somente a partir da reanálise do papel desses elementos e da relação existente entre eles é que se começa a estabelecer uma maior coesão entre o particípio e o verbo *habere*, dando início efetivamente à existência da perífrase resultativa. Finalmente, Andrés-Suarez (1994) ainda destaca três consequências diretas da implementação da construção *habeo + participio*: (i) a criação de novas perífrases que culminaram no paradigma dos tempos compostos de anterioridade das línguas românicas, (ii) o nascimento de novas formas de particípios e (iii) a perda do sentido pleno de “posse” do verbo *habere*.

2. Do latim às línguas românicas: a mudança funcional da forma composta

Segundo afirma Tagliamonte (2012, p. 298), o perfeito composto (*perfecto/perfect*) tem demonstrado um comportamento instável na história de línguas naturais, “tendo sido alternadamente perdido e reintroduzido em várias ocasiões em línguas como o alto alemão, francês, russo, sueco e algumas línguas eslavas”. Na mesma direção, Harris (1982), Serrano (1994), Squartini e Bertinetto (2000), Company Company (2002, 2011), Detges (2006), Romani (2006), Oliveira (2010), Araujo e Berlinck (2013), Penny (2014), entre outros autores, mostram que essa forma passou por um longo processo de mudança semântica e formal, resultando, conforme a língua românica e/ou variedade linguística, num comportamento múltiplo no que diz respeito às funções desempenhadas e à forma assumida.

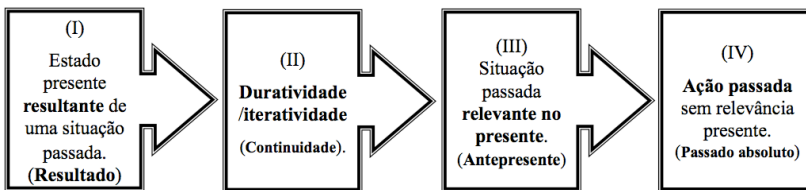


Figura 1: Do continuum de mudança funcional do forma composta nas línguas românicas por Harris (1982)

O clássico trabalho de Harris (1982) sobre a mudança funcional do *perfecto composto* nas línguas românicas – sintetizado pela figura 1 – mostra-nos que, desde sua origem, na língua latina, a forma composta passou por quatro grandes etapas de mudança, igualmente passíveis de contemplação num estudo sincrônico contemporâneo que confronte as várias línguas românicas e suas variedades.

⁵ Enunciado coletado por Squartini e Bertinetto (2000) da peça *trinummus*, de Plauto (190 a.C).

Na primeira etapa, a forma composta restringe-se à expressão de estados presentes resultantes de ações passadas, adquirindo, portanto, um valor de resultado. Esse é o uso observado na origem da construção no latim (2), nos estágios iniciais de sua formação da maior parte das línguas românicas, como no português (3) e espanhol (4) antigos, além do uso que ainda fazem alguns dialetos da Itália, como o calabrés (Harris, 1982; Detges, 2006).

(2) *In ea provincia pecunias magnas collocatas habent.*⁶

*Têm colocados nesta província capitais consideráveis⁷

(3) *Noutra Aldeia, junto desta cidade, temos já feita uma casa à maneira de ermida.*⁸

*Em outra aldeia, junto a esta cidade, já temos uma casa feita como uma ermida.

(4) *Grant cosa as perdida.*⁹

*Grande coisa tens perdida.

Nos três enunciados, é possível inferir a existência de um estado final presente (possuir “*pecunias magnas/capitais consideráveis*”, “uma casa” e a perda de “*grant cosa*”) resultante de uma ação anterior já concluída (*colocar capitais, fazer uma casa, perder grande coisa*). Tendo em vista o comportamento sintático, é própria dessa etapa a possibilidade de intercalarmos o complemento (*pecunias magnas, uma casa, grant cosa*) entre os elementos que compõem a construção (*habent/temos/as* + participípio passado), além da concordância em gênero e número entre o complemento e o participípio. Essas características, como estudaremos com maior propriedade mais adiante, indicam-nos que, nesse momento, os constituintes da construção de valor resultativo ainda não desfrutavam de um estado de coesão, em parte porque o verbo *haber* ainda se comportava como uma forma plena, com seu valor original de posse.

O comportamento vigente na segunda fase permite-nos observar um uso que se conservou no português (5) e em algumas variedades do espanhol (6). Trata-se da expressão iterativa ou durativa de uma situação cujo início se deu no passado, mas que se mantém ainda no presente, tal como expressam os enunciados seguintes:

(5) *O governo de Cuba tem feito gestos de aproximação com administração americana.*¹⁰

(6) [...] *en el medio se van a ir buscando las alianzas que tradicionalmente ha tenido el peronismo con otros partidos.*

Como podemos notar, a forma composta passa a apresentar um *status* de maior coesão, uma vez que o participípio (*feito, tenido*) já não concorda com o complemento – “*gestos/alianzas*” e tampouco é possível posicionar esse complemento entre o auxiliar e o participípio. Tanto é assim que é agramatical no português brasileiro atual a oração (7).

(7) **O governo de Cuba tem gestos feitos de aproximação.*

A terceira fase da mudança do pretérito composto corresponde ao valor de antepresente – uso considerado padrão por muitos gramáticos da língua espanhola (GILI Gaya,

⁶ Enunciado coletado por Andrés-Suárez (1994) do discurso de Cícero (106 a.C – 43 a.C) intitulado *De imperio Gn. Pompei* (66 a.C).

⁷ Adaptação da Tradução feita por Andrés-Suárez (1994), no original: *Tienen colocados en esta provincia capitales considerables.*

⁸ Enunciado coletado por Barbosa (2008) de uma carta de Padre Manuel da Nobrega, do ano de 1549.

⁹ Enunciado coletado por Alarcos Llorach (1980), do *Libro de Alexandre*, uma obra em verso da primeira metade do século XIII, que narra a vida de Alexandre Magno, rei da Macedônia.

¹⁰ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *A Folha de São Paulo*, de 21/02/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1234369-blogueira-cubana-cobra-posicionamento-energico-do-brasil-em-relacao-a-cuba.shtml>>. Acesso em 08/05/2016.

1979; Alarcos Llorach, 2005; Torrego, 2002; RAE, 2009, 2010). Em outras palavras, trata-se da expressão de situações passadas (Momento do Evento – ME) que guardam relação com o momento de fala (MF), porque tanto o ME como o MF estão envolvidos pela mesma conjuntura temporal¹¹. Vejamos essa situação de uso em:

(8) *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos.*¹²

Notemos que tanto o evento (*tirar trescientos millones de litros*) como o ato de enunciação ocorrem na mesma conjuntura temporal, determinada por “*este año*”.

Na etapa final (IV), a forma composta perde traços de ordem *aspectual* (I – resultado, II – continuidade, III – relevância presente), para expressar um valor marcadamente temporal de *pretérito*. Nessa etapa da mudança, o *perfecto compuesto* passa por um momento de confronto com a tradicional forma simples de pretérito, podendo esse conflito ser resolvido de diferentes maneiras, conforme o sistema linguístico observado. Vejamos o uso no francês – língua em que já vigora o valor da fase IV (Paiva Boléo, 1936):

(9) *Sotheby's a vendu hier soir à Londres un portrait de la comtesse Bismarck.*¹³

O advérbio “*hier soir*” (ontem à noite) demonstra que a ação ocorreu em um âmbito temporal anterior ao da enunciação e que, por isso, não mantém relação com o momento de fala – indício, portanto, de um passado absoluto. Quanto à forma simples, sabe-se que, no francês, ela está restrita a registros literários (Meillet, 1912; Paiva Boléo, 1936; Théoret; Mareuit, 1991).

A análise da mudança que descrevemos revela que a sucessão de fases segue por um *continuum* em direção à expressão de um valor marcadamente temporal de passado, o que implica um paulatino debilitamento dos traços aspectuais de perfeito (resultado e continuidade). Segundo complementam Squartini e Bertinetto (2000), o extremo desse *continuum* é encontrado atualmente nas línguas faladas ao norte da Itália e na França, onde a forma do perfeito simples já não é usada devido ao avanço do perfeito composto.

Quadro 1: Mudança diacrônica do perfeito

(I) Resultado	(II) Continuidade até o momento de fala	(III) Relevância no momento de fala	(IV) Narrativas, Aoristo
<u>Calábria:</u> <i>L'aiu fattu.</i> ¹⁴	<u>Português:</u> Tenho falado muito com ele.	<u>Espanhol:</u> <i>No ha ganado mucho este año.</i>	<u>Italiano:</u> <i>L'ho comprato l'anno passato.</i> ¹⁵
<u>Francês:</u> <i>Il a mangé maintenant.</i>	<u>Francês:</u> <i>J'ai vécu ici pendant 20 ans.</i>	<u>Francês:</u> <i>Cette année, il n'a rien gagné.</i>	<u>Francês:</u> <i>Et alors, je l'ai acheté.</i> ¹⁶

Fonte: Detges (2006, p.47) – Tradução nossa.

¹¹ Daí decorre a observação, corrente em gramáticas normativas sobre a existência de marcadores temporais como “*hoy*”, “*este mes*”, “*este año*” vinculados à forma composta (Alarcos Llorach, 1980).

¹² Enunciados (6) e (8) retirados de entrevistas radiofônicas difundidas pela rádio Cadena 3, de Córdoba/Argentina.

¹³ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal francês *Le Monde*, de 06/02/2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/argent/article/2013/02/06/le-grand-retour-du-surrealisme-en-salles-devente_1827963_1657007.html>. Acesso 08/05/2016.

¹⁴ “O fiz” – tradução nossa.

¹⁵ “Comprei-o ano passado” – tradução nossa.

¹⁶ Respectivamente, “Ele comeu agora”, “eu vivo aqui há 20 anos”, “Neste ano, ele não ganhou nada”, “Então, eu o comprei” – tradução nossa.

Observemos que o quadro 1 apresenta diferentes informações. Na primeira linha, retratam-se as quatro etapas da mudança do *perfecto compuesto*, segundo a proposta de Harris (1982). Por sua vez, a segunda linha revela-nos como as línguas românicas acomodaram o uso do perfeito composto em um dos estágios. Finalmente, a terceira linha ajuda-nos a entender a polissemia funcional sincrônica existente no uso da construção em algumas línguas – devido à persistência (Hopper, 1991) de traços próprios de etapas anteriores. Segundo nos exemplifica Detges (2006, p. 48), apesar de no francês moderno o *passé composé* concentrar-se na quarta fase, quando motivados por questões pragmáticas, muitos de seus usos refletem estágios anteriores de sua mudança. Na mesma direção, diversos estudos apontam a existência da mesma polissemia funcional no espanhol, seja ela encontrada na comparação entre diferentes variedades diatópicas ou mesmo verificável dentro de uma mesma variedade linguística. A título de exemplo, observemos o comportamento do PPC na variedade de *San Miguel de Tucumán*, a partir de enunciados retirados de entrevistas radiofônicas:

(10) **Resultado:** [...] ¿[ya] **ha presentado** finalmente la renuncia a la obra social del PAMI filial Tucumán?

(11) **Continuidade:** [...] *confederación general económica en la República Argentina, una entidad que... durante muchos años ha sido, sin dudar, la líder en el gremialismo empresario nacional.*

(12) **Antepresente:** A: “Hola, chicos, gracias por trabajar en día feriado, así disfrutamos juntos con ustedes [...]. Hoy estoy triste. Besos, los quiero”.

B: No sé el nombre porque no me **ha firmado**.

(13) **Passado absoluto:** [Yo creo] que ustedes mismos han sido el termómetro de lo que **ha ocurrido** con el cambio prestacional en aquel momento.

Sobressaem aos olhos mais atentos os diferentes valores inferidos pelo uso da forma composta conforme o contexto em que se instaura, isso porque em uma mesma variedade do espanhol pode-se observar os quatro valores atribuídos ao *perfecto compuesto* por Harris (1982). Ou seja, enquanto no enunciado (10), o sintagma “*ha presentado finalmente la renuncia*” abre precedentes para a verificação de uma situação resultante atual diferente da que existia inicialmente (quando o enunciatador ainda era presidente da entidade), nos enunciados seguintes, as expressões temporais (11) “*durante muchos años*”, (12) “*ahora*”, (13) “*en aquel momento*” evidenciam os valores de continuidade, antepresente e passado absoluto, vigentes no uso que se faz da forma verbal em cada um dos enunciados. Contudo, destacamos que os advérbios de tempo desempenham um importante papel na identificação dos sentidos aferidos. Tanto essa dependência contextual na identificação dos valores aferidos como a polissemia no uso do PPC são indicadores de um processo de gramaticalização ainda não consolidado.

Por outro lado, a análise das diferentes variedades diatópicas da língua espanhola mostra comportamentos e preferências de uso particulares (Gutiérrez Araus, 2001; Jara Yupanqui, 2009; Araujo, 2014). A título de exemplo, conforme descreve Serrano (1994, 1995), a variedade de Madri apresenta um uso preferencial do *perfecto compuesto* com valor de antepresente imediato e o crescente uso da mesma forma em contextos de passado absoluto – característicos da terceira e quarta fases, respectivamente, do processo de mudança proposto por Harris (1982); enquanto que a variedade das Canárias demonstra um favorecimento do uso do PPS nesses contextos. Na mesma direção, Company Company (2002) e Moreno de Alba (2006) comparam a variedade mexicana com a de Madri e acusam a preferência por um uso

com características mais aspectuais no México – por se alinhar com os valores dos primeiros estágios de mudança – enquanto que a variedade de Madri avança por usos com característica marcadamente temporal, aproximando-se, por isso, dos valores próprios das etapas finais.

Em consonância com o que observaram Serrano (1994, 1995) e Company Company (2002), este estudo também visa mostrar que os diferentes comportamentos diatópicos observados no uso do PPC correspondem a diferentes etapas de sua mudança nas diferentes comunidades de fala, isso porque cada uma delas está sob pressões histórico-sociais próprias. Paralelamente, é pertinente pensarmos nas possíveis alterações de comportamento no uso do PPS diante da aproximação funcional do PPC. Nesse sentido, Schwenter e Cacoullou (2008) descrevem como se estabelece a relação entre as duas formas em algumas línguas românicas:

Quadro 2: Estágios de desenvolvimento do perfeito composto e simples nas línguas românicas

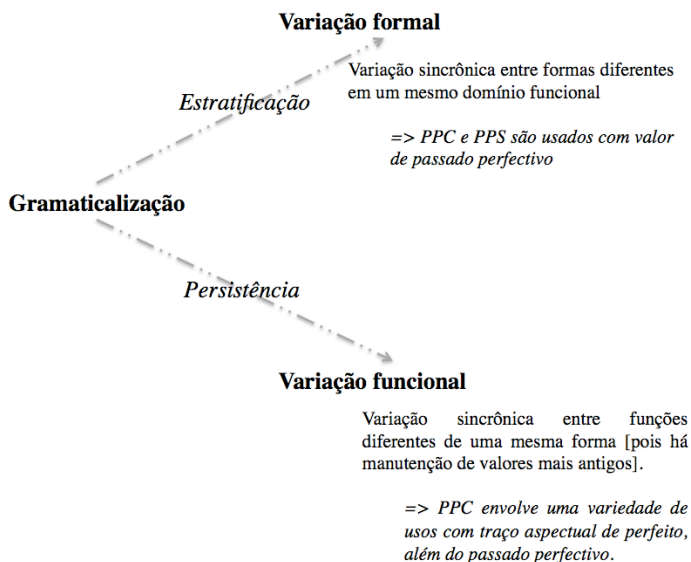
	Perfeito Composto	Perfeito Simples
Siciliano	Estados presentes resultantes de ações passadas.	Passado perfectivo
Espanhol Mexicano Português	Situação passada ainda em andamento no presente	Passado perfectivo
Espanhol Peninsular Catalão	Situação passada com relevância presente	Situação passada sem relevância presente
Francês Italiano do norte	Toda situação passada	Limitado ao registro formal/escrito

Fonte: Schwenter e Cacoullou (2008, p.7) – Tradução nossa.

O quadro 2 revela-nos, mais uma vez, como as línguas românicas tendem a privilegiar uma ou outra fase do *continuum* descrito por Harris (1982). Contudo, mostra-nos, em especial, a acomodação do PPS como um dos resultados do comportamento do PPC em cada língua. Ou seja, à medida que o perfeito composto perde seus atributos aspectuais, marcando seu valor temporal de passado, o PPS vai perdendo seu campo de expressão, tornando-se, no último estágio, apenas uma marca de registro formal – como ocorre no francês e no italiano do norte.

Uma vez exposto o dinâmico comportamento da forma composta, tanto diacronicamente como sincronicamente, bem como a relação que ela estabelece com PPS nesse emaranhado de usos, parece-nos interessante destacar como sincronicamente é possível encontrar dois tipos de variação linguística envolvendo essas formas. Isso porque, se por um lado é possível observar a forma composta apresentando mais de um valor – mesmo que a análise esteja restrita a uma variedade diatópica apenas –, por outro, parece notável a relação de equivalência funcional que PPC pode estabelecer com PPS – especialmente nos estágios mais avançados de mudança da forma composta.

Figura 2: Da variação sincrônica como efeito da gramaticalização que sofre o perfeito composto



Fonte: Schwenter e Cacoullos (2008, p. 12) – Tradução nossa.

Conscientes desse comportamento, Schwenter e Cacoullos (2008) evocam dois princípios do processo de gramaticalização descritos por Hopper (1991) que justificam o estado variável apresentado (Figura 2). Por um lado, a **persistência** justifica a manutenção de alguns traços semânticos da forma original no uso do PPC em estágio mais avançado de gramaticalização, permitindo, portanto, a atribuição de mais de um valor a seu uso. Por outro lado, a **estratificação** evidencia que as novas formas que surgem para um dado domínio funcional (**passado absoluto**, por exemplo) coexistirão por um tempo com formas preexistentes nesse mesmo domínio (PPS). Diante dessa percepção, os autores propõem o seguinte esquema, no qual se observa como a forma composta passa por um processo de gramaticalização que o conduz a dois tipos de variação, **formal** e **funcional**. Conforme suscitamos muito brevemente, o cenário esboçado por Schwenter e Cacoullos (2008), na figura 2, pode ser verificado em algumas variedades do espanhol, o que aponta para de um processo de mudança ainda em desenvolvimento nessas variedades.

3. Do latim ao espanhol: o percurso da mudança funcional da forma composta

Entre os poucos estudos que se dedicaram especificamente à análise da mudança funcional do *perfecto compuesto* no espanhol, destaca-se a análise de Alarcos Llorach (1980), na qual o desenvolvimento dos usos do PPC é descrito desde o início da língua espanhola até seu uso moderno. Segundo relata o autor, o século V é considerado um período de recuperação da construção no latim falado na península ibérica. Porém, nessa região, seu uso ficou restrito à expressão de um estado permanente ou um resultado presente, isso porque o verbo *habere* mantinha seu valor pleno de posse. Por seu turno, Company Company e Cuétara Pride, (2011) mostram-nos que já a

partir do século VI nota-se no latim um debilitamento do significado possessivo do verbo *habere*, de modo que a estrutura perifrástica passa a expressar, ainda com escassos registros, ações passadas cujas consequências poderiam se estender até o MF.

Rodríguez Molina (2010) encurta-nos a viagem pela história da perífrase no espanhol ao afirmar que até o século XI são escassos os usos registrados na península ibérica e que os achados demonstram uma preferência pelo valor de resultado, de modo que não se pode assegurar que a forma tenha sofrido qualquer tipo de processo de temporalização passada até esse período. A natural lentidão do processo de gramaticalização que envolve a história do PPC é evidenciada no início do século XIII, quando o uso da forma composta ainda se encontra muito restrito tanto em relação a sua frequência, como em relação a suas características sintáticas. Quanto a seu valor, Alarcos Llorach (1980) aponta o sentido de resultado como ainda sendo o valor característico atribuído à construção nesse período – (14) e (15) –, ao passo que ao PPS se atribui a expressão de qualquer ação passada, inclusive no presente ampliado (16).

(14) *Grant cosa as perdida.*

*Grande coisa tens perdida.

(15) *Mucho me as bien fecho.*

*Muito me tens bem feito.

(16) *Siempre esperé por este día.*¹⁷

É no século XIV, no entanto, que começa a apontar na forma efetivamente um novo valor, isto é, além do preponderante valor de resultado já descrito, notam-se casos em que o *perfecto compuesto* expressa ação durativa ou iterativa que se estende até o presente:

(17) *la tristura e grant cuidado / son conmigo todavia / pues placer e alegría / Así m'an desamparado.*¹⁸

A tristeza e grande cuidado / são comigo ainda / pois prazer e alegria / assim me têm desamparado.

Ao longo do século XV, observa-se um aumento substancial no uso da forma composta, mantendo os valores de resultado e continuidade e, mais ao fim do período, começando a ser usada também para designar ações pontuais ocorridas em no presente ampliado. Assim, Alarcos Llorach (1980) afirma que a partir do fim do século XV e durante o século XVI, enquanto a forma simples era empregada para ações pontuais em um passado absoluto e eventualmente para ações pontuais no presente ampliado, a forma composta ia perdendo pouco a pouco seu valor de resultado e se concentrava na expressão de ações reiteradas até o presente ou de ações pontuais que antecederiam imediatamente o presente gramatical. Ademais, é interessante destacar que é com esse comportamento dinâmico no funcionamento das formas do *pretérito perfecto* que a língua espanhola é transportada para o Novo Mundo, abrindo precedentes para que a língua encontrasse eventualmente diferentes ajustes que, ao longo do tempo, poderiam vir a se diferenciar contundentemente quando cotejadas as variedades da Península com as variedades da América.

A síntese da abordagem diacrônica apresentada por Alarcos Llorach (1980) revela quatro estágios da mudança da forma composta na língua espanhola, a saber:

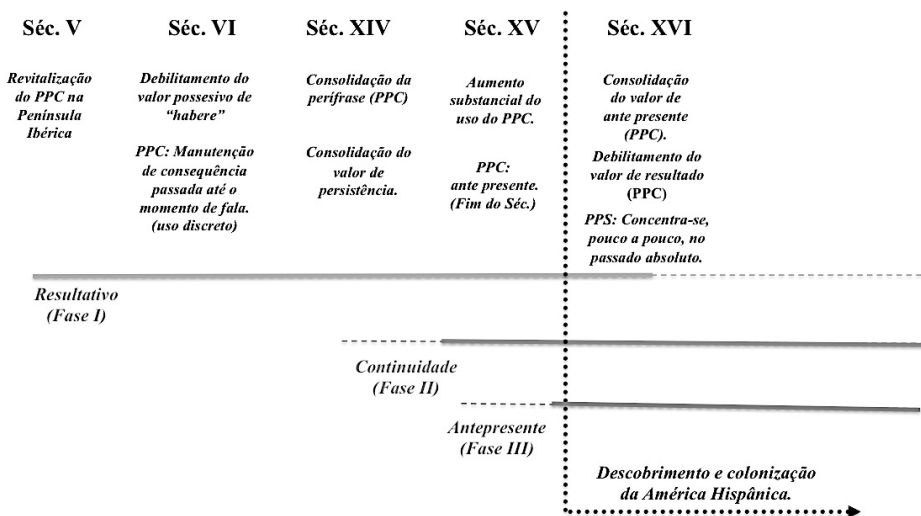
¹⁷ Enunciados (14), (15) e (16) coletados por Alarcos Llorach (1980), do *Libro de Alexandre* (Sec. XIII).

¹⁸ Enunciado coletado por Alarcos Llorach (1980), do *Libro Rimado de Palacio* ou simplesmente *Rimado de Palacio*, uma obra de Pedro López de Ayala, datada entre 1378 e 1403.

1. Expressão de uma situação presente resultante de uma ação anterior.
2. Expressão de uma situação contínua (durativa ou iterativa).
3. Expressão de uma situação momentânea imediatamente anterior ao momento de enunciação.
4. Expressão de uma situação momentânea não imediatamente anterior, mas que mantém alguma relação com o presente, ou seja, produzida em um “presente ampliado”.

É pertinente notar que, diferentemente do que propõe Harris (1982), Alarcos Llorach (1980) não identificou no espanhol o uso do *pretérito perfecto compuesto* expressando passado absoluto (Fase IV) e separa a etapa III proposta por Harris (1982) em dois grupos (3 e 4), nos quais a aproximação entre a “situação descrita” e o “momento de fala” aumenta à medida que passamos de um para o outro. Na figura 3, expomos a síntese do percurso da mudança funcional do PPC até o século XVI

Figura 3: Síntese do percurso da mudança funcional da forma composta



Por fim, conforme já pontuamos e tendo em vista o uso atual dos pretéritos, parece-nos evidente que os valores descritos por Alarcos Llorach (1980) se conservam presentes nas variedades diatópicas do espanhol. Contudo, a contribuição dessa revisão teórico-descritiva residirá na percepção de que “cada dialeto gerou sua gramática perfilando uma das possibilidades do sistema antigo e minimizando a outra possibilidade” (Company Company, 2002, p. 63).

4 Classificação formal do PPC nas línguas românicas: um olhar atento à definição da auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade em espanhol

Sabemos que na origem das línguas românicas as características formais do perfeito composto não eram tão divergentes como se pode observar no cotejamento das línguas neolatinas em seu estágio moderno. Isso se deve a que as variedades românicas compartilharam de uma mesma origem, na qual quase todas apresentaram alguma

etapa de alternância entre os auxiliares de base *essere* e *habere*. Contudo, ao longo do tempo, as características formais da construção nessas línguas foram se diferenciando por estarem sujeitas a questões linguísticas e extralinguísticas próprias a cada comunidade (Company Company; Cuétara Pride, 2011). Apesar das diferentes formas existentes na atualidade, a norma das línguas neolatinas apontam a existência de uma forma simples e uma composta, como sistematizam Squartini e Bertinetto (2000).

Quadro 3: Nomenclatura verbal na norma gramatical das línguas românicas

	Forma simples	Forma composta
Catalão	Pretèrit Perfect Pretèrit Perfect Simple	Pretèrit Indefinit Pretèrit Perfect Compost
Espanhol	Pretérito (Indefinido) Pretérito (Perfecto) Simple Perfecto Simple	(Pretérito) Perfecto / <i>Antepresente</i> Pretérito (Perfecto) Compuesto Perfecto Compuesto
Francês	Passé Défini Passé Simple	Passé Indéfini Passé Compose
Italiano	Passato Remoto Passato Semplice	Passato Prossimo Perfetto Composto
Português	Pretérito Pretérito (Perfeito) Simples Perfeito Simples	Perfeito Pretérito (Perfeito) Composto Perfeito Composto
Romeno	Aoritul Perfectul Simplu	Perfectul Nedefinit Perfectul Compus

Fonte: Squartini e Bertinetto (2000, p. 403) – Tradução nossa.

Especificamente em relação à forma composta, Romani (2006), Company Company e Cuétara Pride (2011) alinham as línguas românicas em três grupos conforme o auxiliar utilizado na construção. No primeiro grupo, encontramos o italiano, o sardo, o suprasilvano, o engadino, o provençal e o francês, línguas que se caracterizam pela alternância de formas auxiliares derivadas de *habere* e *essere* na construção do perfeito composto. Como se vê, por exemplo, no italiano:

(18) *Maria ha scritto una lettera.*

(19) *Maria è arrivata.*

Tanto o espanhol como o português antigos também mantinham o sistema duplo de auxiliares, contudo a oposição se perdeu com o avançar do tempo. No segundo grupo, encontramos as línguas que recorrem apenas a formas provenientes de *essere*. Esse é o caso de alguns dialetos presentes na Itália central, como, por exemplo, nos mostram os dados do dialeto de Terracina:

(20) *so candatd na canzóna*

Cantei uma música

(21) *so jítid.*

Fui

Por fim, encontramos as línguas em que a perífrase de anterioridade é formada pelo auxiliar *habere*, sem importar-se com a natureza transitiva ou intransitiva do verbo em participípio. Esse é o caso do romeno, valão, espanhol, catalão e do português (que o substituiu pelo verbo *ter*, de *tenere*). Vejamos alguns usos no espanhol:

(22) *María ha escrito una carta.*

(23) *María ha llegado.*

Os primeiros textos em língua espanhola apontavam que os tempos compostos de anterioridade eram formados por um auxiliar de base verbal *haber* ou *ser* junto de um participípio, tal como figura nos enunciados (23) e (24), respectivamente:

(24) *Sacada me auedes de muchas verguenças malas.*¹⁹

Me tendes livrado <havéis livrada> de muitas más vergonhas.

(25) *Quant los discípulos eran ydos a la cibdat comprar.*²⁰

Quando os discípulos tinham <eran> ido(s) à cidade comprar.

Como mostra a classificação formal do perfeito composto nas línguas românicas, o auxiliar empregado na construção advém de um processo gradual e particular de escolha entre uma ou ambas as formas que compunham o duplo sistema de auxiliariade previsto para os tempos compostos na origem das línguas neolatinas. Processo que, no castelhano, culminou na escolha do verbo *haber* como único auxiliar para os tempos compostos de anterioridade.

Há de se observar, contudo, que no sistema medieval da língua espanhola, *haber* e *ser* apresentavam ainda um comportamento polissêmico devido a não operarem somente como verbos auxiliares dos tempos compostos. Tanto que era possível encontrar usos que permitiam uma dupla leitura e que, por isso, dificultavam a diferenciação do que era um tempo composto dos outros tipos de construções com os referidos verbos.

Como auxiliares dos tempos compostos, Romani (2006), Company Company, Cuétara Pride (2011) e Penny (2014) afirmam que *haber* e *ser* possuíam contextos de usos próprios. *Ser* constituía preferencialmente perífrases com participípios de verbos intransitivos, como os de movimento (*ir*, *venir*, *llegar*, *entrar*, *salir*), ao passo que se observava o uso do auxiliar *haber* com verbos transitivos. Apesar dessa preferência, notavam-se também alguns usos de *haber* com participípio de verbos intransitivos.

Tem-se nessa fase, portanto, um contexto crítico para a mudança gramatical, marcado inicialmente por uma pluralidade de usos que, mais adiante, foi resolvida com a generalização de *haber* como forma especializada na função de auxiliar dos tempos de anterioridade em espanhol. Segundo a análise sistemática conduzida por Romani (2006) dos tempos compostos no espanhol medieval, entre os séculos XII e XV observa-se uma diminuição de mais de 19 pontos percentuais no uso do auxiliar *ser*. No entanto, sua eliminação por completo do paradigma de auxiliariade dos tempos compostos de anterioridade só será efetivada por completo no século XVI.

¹⁹ Enunciado coletado por Romani (2006), de *El Cantar de mio Cid*, poema épico medieval preservado mais antigo que relata as façanhas heroicas do cavaleiro Rodrigo Díaz, *el Campeador*. A obra tem datação aproximada ao ano de 1200.

²⁰ Enunciado coletado por Romani (2006), da *Fazienda de Ultramar*, um livro do primeiro quarto do século XIII, que constitui um itinerário geográfico e histórico como guia de peregrinos à Terra Santa. Constitui um dos primeiros exemplos de narração em prosa na literatura espanhola.

Tabela 3: Índice da frequência de *haber* e *ser* como auxiliares dos tempos compostos

Séc.	Haber	Ser
XII	70% (212/303)	30% (91/303)
XIII	89% (507/571)	11% (64/571)
XIV	78% (763/981)	22% (218/981)
XV	89% (270/302)	11% (32/302)

Fonte: Romani (2006, p. 325).

Além da generalização de *haber* como o único auxiliar da perífrase de anterioridade, nota-se paralelamente um quase desaparecimento de seu uso como verbo pleno transitivo, isto é, com sentido de “posse” e predicando um argumento objeto direto, tal como se lê em (26).

(26) [...] *que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica para poner la estoria en fermoso e alto estilo.*²¹

Que o historiador seja discreto e sábio e tenha <haja> boa retórica para por a história em bonito e alto estilo.

O que se observou na história da língua é que entre os séculos XII e XV, o uso de *haber* como verbo pleno foi pouco a pouco sendo substituído pelo verbo *tener* (*ter*), cuja origem já apresentava um valor de posse. Contudo, além da função de auxiliar na perífrase de anterioridade, destacam-se também dois outros usos do verbo *haber* registrados já na Idade Média. O primeiro deles é verificado na construção formada por *haber* + *preposição “de”*+ *infinitivo*, cujo sentido é de obrigatoriedade, conforme mostra o enunciado (27)

(27) *Rogol tanto Jacob que lo ovo de prender e quiso salir con Jacob.*

Jacó rogou tanto que teve de o prender e quis sair com Jacó.

Outro uso registrado do verbo *haber* na Idade Média é o de forma impessoal com um único argumento nominal expressando existência, tal como se lê em (28):

(28) *Dixieron al rey de Jerico que omnes estrannos avie en la villa.*²²

Disseram ao rei de Jericó que havia homens estranhos na vila.

É importante registrar que essas últimas funções atribuídas ao verbo *haber* se conservaram na língua espanhola, de maneira que a forma verbal permanece compondo a perífrase de modalidade deôntica (29), além de expressar existência impessoal (30):

(29) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].*²³

(30) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].*²⁴

²¹ Enunciado coletado por Romani (2006), da obra do século XV, *Generaciones y sembranzas*, cuja autoria pertence a Fernán Pérez de Guzmán. Trata-se de uma coleção de trinta e cinco retratos biográficos dos cortesãos mais importantes de sua época.

²² Enunciados (27) e (28) coletados por Romani (2006), da *Fazienda de Ultramar* (Sec. XIII).

²³ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal argentino *La Nación*, de 20/11/2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1745528-la-soberania-regalada>> Acesso em 08/05/2016.

²⁴ Enunciado retirado da revista eletrônica argentina *Ohlala*, de 26/11/2014. Disponível em: <<http://www.revis-taohlala.com/1745465-leonora-balcarce-no-tengo-idea-de-comosere-como-madre>> Acesso em 02/01/2017.

A fim de conhecermos o processo de passagem do verbo pleno *haber* em auxiliar de tempos compostos, recorreremos ao estudo de Heine (1993) sobre os verbos auxiliares e seu processo de gramaticalização. Com esse propósito, iniciamos com a definição da categoria dos verbos auxiliares, a qual, segundo o autor, pode ser descrita quanto a seus aspectos formal e semântico.

Sob o ponto de vista formal, isto é, observando a estrutura sintática, morfológica e fonológica, os auxiliares podem ser caracterizados como morfemas livres que guardam semelhanças estruturais com a forma lexical, mas que não podem ocorrer de forma independente. No geral, os auxiliares tomam como complemento formas nominais dos verbos. Quanto ao nível semântico, Heine (1993) afirma que além de servir como marca de negação (31) ou da composição de alguns tipos específicos de sentença – como as interrogativas (32) e as passivas (33), por exemplo –, os auxiliares geralmente se definem pela contribuição na expressão gramatical do tempo, aspecto e modo (TAM). Assim, como auxiliar dos tempos compostos do espanhol moderno, *haber* apenas ocorre com um participio posposto a ele e traz morfologicamente marcadas as informações referentes a tempo, pessoa e número (34).

(31) *Turkey **does not include** Islamic State or the Kurdish YPG militia [...].*²⁵

A Turquia não inclui o Estado Islâmico ou a milícia curda YPG [...].

(32) ***Does** Obama **need** Bill Clinton's blessing?*²⁶

Obama precisa da bênção de Bill Clinton?

(33) *[...] o presidio **foi** classificado como “péssimo” para qualquer tentativa de ressocialização [...].*²⁷

(34) *[...] los responsables del museo **han** subrayado que el Guggenheim Bilbao continúa siendo líder entre las instituciones culturales europeas [...].*²⁸

O processo de desenvolvimento dos auxiliares envolve uma mudança morfossintática, por meio da qual uma construção antes constituída por um verbo de sentido lexical pleno e por seus complementos se transforma em uma estrutura gramatical coesa, em que o verbo inicialmente predicador torna-se auxiliar de uma construção formada também por um verbo principal. Assim, auxiliar e verbo principal compõem uma estrutura que passa a veicular uma nova informação gramatical. De modo prático, temos na construção resultativa latina (*habeo cultellum comparatum e epistulam scriptam habeo*, isto é, “tenho a faca comprada” e “tenho uma carta escrita”) um verbo pleno com sentido de “posse” (*habeo*) que rege um complemento direto (*cultellum comparatum e epistulam scriptam*). No entanto, tal estrutura é reanalisada e, dentre outros processos sofridos, o verbo *habeo* esvazia-se do sentido de posse, fixa-se ao participio (*comparatum, scriptam*) e juntos passam a expressar as informações gramaticais referentes à nova construção criada, dos tempos compostos.

²⁵ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal estadunidense *The New York Time*, de 29/12/2016. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/reuters/2016/12/29/world/europe/29reuters-mideast-crisis-syria-turkey-rebels-kurds.html>>. Acesso em 02/01/2017.

²⁶ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal estadunidense *The New York Time*, de 04/08/2008. Disponível em: <<http://opinionator.blogs.nytimes.com/2008/08/04/does-obama-need-bill-clintons-blessing/>>. Acesso em 02/01/2017.

²⁷ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *A Folha de São Paulo*, de 02/02/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1846359-rebeliao-que-ja-dura-17-horas-no-am-tem-ao-menos-25-mortos-diz-policia.shtml>>. Acesso em 02/01/2017.

²⁸ Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal espanhol *El Mundo*, de 02/01/2012. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/pais-vasco/2017/01/02/586aa550e2704efa4f8b4617.html>>. Acesso em 02/01/2017.

É importante observarmos que durante esse processo de mudança de funções, o valor lexical original (“posse”) do verbo *haber* pode coocorrer na língua com a nova função (auxiliar) atribuída a ele. Tanto é assim que nos primeiros escritos em língua espanhola era possível observar a existência concomitante de ambos os funcionamentos do verbo *haber*, tal como nos mostram os enunciados (35) e (36), respectivamente. À medida que *tener* (ter) conquista os contextos em que *haber* mantinha o sentido pleno de posse, esse verbo abandona seu valor original, culminando no uso atual restrito à auxiliaridade dos tempos de anterioridade (37) e das perífrases de modalidade deôntica (38), além da expressão do valor existencial na forma impessoal (39).

(35) [...] *que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica para poner la estoria en fermoso e alto estilo.*²⁹

[...] que o historiador seja discreto e sábio e tenha boa retórica para por a história em bonito e alto estilo.

(36) *Sacada me auedes de muchas verguenças malas.*³⁰

Me tendes livrado <haveis livrada> de muitas más vergonhas.

(37) *He leído hace poco, cuando me documentaba para la entrevista, una entrevista que diste tú [...].*³¹

(38) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].*³²

(39) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].*³³

Notemos, portanto, que na origem desse processo de transformação, *haber* só apresenta função de auxiliar nessa construção, posto que é nesse contexto que ele se transforma ao mesmo tempo que também propicia a transformação da perífrase. Atento ao percurso de mudança que leva uma forma plena a se tornar uma forma auxiliar, Heine (1993, p.58) identifica sete etapas em que os fenômenos de dessemantização, descategorização, clitização e erosão interagem e operam na efetivação do processo de construção de um auxiliar. O quadro 4 sintetiza essas informações:

Quadro 4: Mudanças ao longo do processo de constituição de verbos auxiliares

Estágio geral	A	B	C	D	E	F	G
Dessemantização	I	II	III				
Descategorização	I		II	III	IV	V	
Clitização	I				II		III
Erosão	I				II		III

Fonte: Heine (1993, p.58) – Tradução nossa.

²⁹ Enunciado coletado por Romani (2006), da obra *Generaciones y sembranzas* (Sec XV).

³⁰ Enunciado coletado por Romani (2006), de *El Cantar de mio Cid* (Sec XII).

³¹ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio R5, de Madri/Espanha (01/06/2012).

³² Enunciado retirado da versão eletrônica do jornal *La Nación*, de 20/11/2014. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1745528-la-soberania-regalada>>. Acesso em 08/05/2016.

³³ Enunciado retirado da revista eletrônica argentina *Ohlala*, de 26/11/2014. Disponível em: <<http://www.revis-taohlala.com/1745465-leonora-balcarce-no-tengo-idea-de-comosere-como-madre>> Acesso em 08/05/2016.

O primeiro estágio (A) é o ponto prévio ao início efetivo do processo de mudança, nele a forma que sofrerá a mudança gramatical pertence à ampla classe dos verbos, isto é, ainda é empregado em seu sentido lexical pleno e o seu complemento apresenta tipicamente um grau de concretude maior. Tal qual transparece no quadro 4, é nessa etapa que discretamente lançam-se as bases para que se efetive o início dos processos de mudança que, mais adiante, se mostrarão mais evidentes e culminarão na mudança de função da estrutura. O enunciado (35) mostrou-nos que no espanhol medieval o verbo *haber* inseria-se nessa fase.

No estágio B, o complemento regido pelo verbo começa a adquirir características mais abstratas, expressando inclusive uma situação dinâmica. Heine (1993, p.59) destaca ainda que o objeto direto pode estar composto por uma forma verbal e um complemento nominal. Esse comportamento se generaliza na terceira fase (C) e, assim, o auxiliar da construção em formação passa a se associar com um complemento que tenha inclusive a mesma base verbal. Apesar do núcleo do complemento ainda ser um substantivo, o complemento como um todo passa a fazer referência a uma atividade, que denota um evento já ocorrido. Nota-se também nesse momento que o verbo começa a compor uma construção funcional de valor temporal, aspectual ou modal e o sujeito verbal não fica mais limitado à referência humana.

O comportamento de construção de valor resultativo herdado do latim no início da língua espanhola – (40) e (41) – apresenta um uso que se encaixa entre as fases B e C, isso porque já se observa o verbo *haber* associando-se mais estreitamente com participípios (“*perdida*” e “*fecho*”) e complementos modificados por eles (“*grand cosa*” e “*mucho bien*”). Contudo, o núcleo do argumento do *verbo habere* continua sendo composto por um nome (“*cosa*”, “*bien*”). Observemos que o uso dos participípios possibilitam a contemplação do cumprimento de uma atividade, isto é, começa-se a associar a essa construção informações temporais e aspectuais de passado e terminativo, respectivamente.

(40) *Grant cosa as perdida.*

Tens grande coisa perdida.

(41) *Mucho me as bien fecho.*³⁴

Muito bem me tens feito.

O estágio D caracteriza-se pelo avanço na descategorização da forma plena, o que em termos práticos implica a impossibilidade de transformá-lo em verbo principal de orações passivas ou no modo imperativo. Nessa fase, o verbo deixa de se associar com complementos cujo núcleo é um substantivo e passa a reger complementos com uma única forma nominal de verbos. Essa etapa é alcançada quando o verbo *haber* perde seu sentido de “posse” e estreita suas relações com as formas de participípio, associando-se unicamente a elas. Assim, possibilita-se o surgimento de um novo paradigma na língua – dos tempos compostos de anterioridade – à medida que *haber* e *participípio* começam a definir uma relação de dependência e coesão.

Nas fases E e F, a forma em gramaticalização tem sua descategorização avançada de modo que já não guarda relação com a forma de sentido pleno original, passando, por isso, a compor a categoria dos auxiliares. O auxiliar já não pode ser negado sozinho e tampouco pode ocorrer livremente na cláusula, já que sua posição será definida e fixa. Normalmente, o verbo sofre algum processo fonológico (erosão) e perde seu status de palavra autônoma. Para Heine (1993, p.64), o fim desse perío-

³⁴ Enunciados (40) e (41) coletados por Alarcos Llorach (1980), do *Libro de Alexandre* (Sec. XIII).

do é caracterizado pela definição dos comportamentos morfológicos e sintáticos da forma como um elemento gramatical. Comportamento que leva a uma reanálise do que antes era entendido como complemento (“*perdida*”, “*fecha*”), haja vista que esse argumento passa a ser visto agora como o verbo principal da construção.

Aplicando essas características ao objeto que mantemos sob análise, essa etapa é a mais distante alcançada pelo processo de construção do auxiliar *haber* no espanhol, caracterizando, entre outros, o paradigma dos tempos composto de anterioridade na língua moderna. Evidentemente, que esse estado só se fez possível pela intensificação da coesão entre o auxiliar e particípio; evidenciada pela fixação do auxiliar em posição anterior ao particípio, da não interposição de qualquer forma entre os constituintes da construção, além da ausência de concordância do particípio (Company Company, 1983; Romani, 2006; Rodríguez Molina, 2010; Company Company; Cuétara Pride, 2011). Somam-se a essas características a erosão fonética que sofre *haber* (Rodríguez Molina, 2010) e a perda de autonomia enquanto auxiliar dos tempos compostos.

Em suma, ressaltamos que nessa fase consolida-se o processo de reanálise da estrutura de valor resultativo herdada do latim e, assim, se viabiliza a consolidação formal dos tempos compostos como conhecemos. Nas palavras de Company Company (1983), o que caracteriza o espanhol moderno quando comparado com o medieval é que os constituintes da perífrase:

[...] *han sufrido un claro proceso de cohesión, indicado fundamentalmente por la gramaticalización del participio, con la consecuente pérdida de concordancia, el orden fijo de los formativos de la construcción: auxiliar + participio y la imposibilidad de interponer constituyentes entre ambos elementos.* (Company Company, 1983, p. 237)

Tais características podem ser observadas no enunciado (42) e nos demais enunciados do espanhol moderno apresentados neste trabalho em que figura o PPC:

(42) *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos.*³⁵

Heine (1993) afirma ainda que nessa fase é comum que se observe um uso híbrido do auxiliar, ou seja, o verbo *haber* pode combinar traços próprios da forma lexical de origem com traços adquiridos com a nova função gramatical desempenhada. Os enunciados (10), (11), (12) e (13), entre outros que este estudo possa revelar a partir da observação de novos dados, apontam para um uso polissêmico do PPC, expressando também os valores de **resultado**, de **continuidade** e de **anterioridade**, numa mesma variedade diatópica da língua.

A fase final (**G**) no *continuum* de formação dos auxiliares aponta para uma clara redução da estrutura morfofonológica, de maneira que o auxiliar se transforma em um afixo monossilábico. Como previamente afirmado, o auxiliar dos tempos compostos de anterioridade não alcançou esse estágio, nem parece demonstrar comportamentos que indicam a aproximação dessa mudança. Porém, podemos encontrar esse estágio nas formas do *futuro simple* (futuro do presente), cujo paradigma morfológico de conjugação de tempo, modo e aspecto (*-RÉ*, *-RÁ*, em “*estudiaré*” e “*estudiarás*”, por exemplo) seria resultado da posposição do auxiliar *haber* ao infinitivo,

³⁵ Enunciado retirado de uma entrevista radiofônica difundida pela rádio *Cadena 3*, de Córdoba/Argentina (13/06/2010).

seguida de processos de simplificação do material fônico e de sua fusão à forma de infinitivo. Nas palavras de Company Company e Cuétara Pride (2011),

La creación de los futuros romances consistió en una compleja serie de transformaciones fónicas que erosionó tanto la estructura fonológica del infinitivo como la del verbo haber, las cuales provocaron que ambos perdieran su autonomía sintáctica y morfológica y pasaron de integrar una perifrasis, una frase verbal, a constituir una palabra simple. Tales transformaciones pueden caracterizarse de manera general como un complejo proceso de síntesis. (Company Company; Cuétara Pride, 2011, p. 268)

A figura 4 esquematiza como se deram na prática os processos de mudança do auxiliar junto ao verbo principal no paradigma de *futuro simple*:

Figura 4: Etapas da mudança do futuro românico

1: kantáre# hábeo > 2:kantàre ábeo > 3:kantàre=ábjo > 4:
kantàre=ábjo > 5: kantàre=áyjo > 6: kantàre-áyo > 7: kantàr-áyo
> 8: kantaráj > 9: kantaréj > 10: kantaré

Fonte: Company Company (2006, p.372)

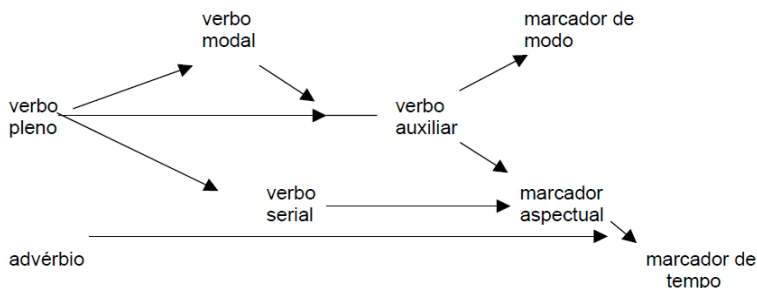
Ao concluir a apresentação dessa proposta, Heine (1993, p.65) reconhece a dificuldade de aplicar ortodoxamente as 7 fases à análise de qualquer auxiliar, mas diz ser possível encontrarmos 4 grandes momentos cujo comportamento do auxiliar é mais explicitamente definido. Entre as fases **A** e **B** marca-se o uso da forma verbal com seu sentido pleno (i), já na fase **C** observa-se um uso denominado pelo autor como de “semi-auxiliar” (ii), por marcar um momento transitório. No terceiro momento, verificável nas fases **D** e **E**, observa-se a forma já com um comportamento de auxiliar (iii) e, finalmente, na etapa **G**, a forma sofrerá grande redução no material fônico e se anexa em formato de afixo ao verbo principal da construção (iv). Conforme mostramos, os três primeiros momentos podem ser identificados na história do auxiliar dos tempos compostos de anterioridade.

Uma abordagem como a exposta permite-nos entender os auxiliares não somente como uma forma que cumpre uma função gramatical específica (na expressão de tempo, modo e aspecto, por exemplo), mas também como uma forma que recupera uma série de mudanças funcionais que de algum modo repercute no uso atual. A compreensão dessa cadeia de mudanças nos permite ver, no caso do *perfecto compuesto*, um *continuum* que evidencia um movimento sintático-semântico de um eixo em que traços aspectuais são mais marcados (acentuando-se os valores originais da forma plena – posse), até alcançar a expressão de sentidos em que se acentua o valor temporal. Por conseguinte, essa informação pode ser de singular importância no momento de avaliarmos se, de alguma maneira, o estado de uso do PPS e do PPC descrito em cada uma das variedades corresponde a diferentes estágios de um processo de gramaticalização do PPC na língua espanhola.

Nessa direção, a figura 5 ajuda-nos a perceber como o desenvolvimento do auxiliar contribuiu para que se aferissem as quatro etapas de desenvolvimento do PPC. Conforme sintetiza Lehmann (2002) por meio dessa imagem, o processo de dessemantização do “verbo pleno” transforma-o em “auxiliar”. Num primeiro momento, essa transformação permite que o verbo auxiliar funcione como um “marcador as-

pectual”. Contudo, com o avançar de seu desenvolvimento, o auxiliar pode ainda torna-se um “marcador temporal”.

Figura 5: Alguns canais inter-relacionados de gramaticalização de categorias verbais



Fonte: Lehmann (2002, p.32) – Versão ao português de Rodrigues (2006, p.169).

A se transformar em auxiliar dos tempos compostos, o verbo *haber* – de valor possessivo em sua origem – primeiramente opera em uma construção aspectual, de valor resultativo/continuativo, para só mais tarde torna-se um marcador de tempo, em etapas mais evoluídas da construção *haber+participio*, quando já expressa ante-presente e/ou passado absoluto.

Por fim, o estudo do desenvolvimento do PPC revelou-nos os meandros pelos quais passou essa forma até alcançar o estado atual na língua espanhola. Esse complexo processo parece repercutir no funcionamento moderno do PPC e do PPS na língua espanhola e permite-nos entender alguns dos comportamentos observáveis nas variedades diatópicas da língua. Tendo avaliado a mudança do *perfecto compuesto*, iniciamos, a seguir, uma breve reflexão sobre a maneira como essa forma interagiu com o *perfecto simple* ao longo dos séculos, isso para que conheçamos como historicamente têm se acomodado o PPC e o PPS dentro do sistema espanhol e como o estado atual pode ser entendido como mais uma etapa de um processo em construção.

5 O desenvolvimento da oposição *perfecto simple* e *perfecto compuesto* no espanhol

Moreno de Alba (2006) analisa o desenvolvimento da oposição PPS/PPC entre os séculos XII e XX e toma nota do absoluto predomínio do PPS durante todo o período e textos consultados. Apesar da constante predominância do PPS, o autor afirma que o tipo de texto é um fator que intervém no aumento ou não da frequência das duas formas. Em suas palavras,

Eso permitirá explicar que las crónicas pertenecientes una al siglo XII (GEI) y la otra al XIV (Pedro I), así como las novelas, una del siglo XVI (LT) y otra del XVII (Quijote), empleen casi exclusivamente el indefinido, que ahí la función claramente predominante es la narrativa. Por otra parte, la mayor incidencia de perfectos compuestos, aunque siempre en desventaja en relación con el indefinido,

se da en textos dramáticos o epistolares, en lo que o bien los personajes o bien quien escribe la carta tienen en el texto una función de comentadores mejor que de narradores (Moreno de Alba, 2006, p. 44).

Em concordância com o que argumenta Moreno de Alba (2006), a relação existente entre os gêneros discursivos e a recorrência de uma ou outra forma de passado, mesmo em textos oriundos de diferentes séculos, deve-se a que essas formas possuem historicamente funções diferentes dentro do sistema linguístico espanhol, de modo que proceder ao estudo da frequência de uso delas sem considerar suas particularidades semântico-pragmáticas pode mascarar importantes informações sobre seu real emprego ao longo da história da língua.

Nesse sentido, é pertinente observarmos que a função textual preponderantemente **narrativa** das crônicas e novelas implica uma perspectiva temporal de passado, na qual o enunciador concebe o enredo como já concluído e fechado antes ato da enunciação. Em outras palavras, na função **narrativa** observa-se com maior intensidade a expressão de um tempo passado absoluto – função atribuída canonicamente ao *perfecto simple*. Por outro lado, a função de **comentário** saliente em textos dramáticos ou epistolares responde os objetivos presentes nesses gêneros, haja vista que se percebe neles uma voz subjetiva que relata situações experimentadas ou observadas temporalmente mais de perto. Característica que retoma uma concepção temporal de passado mais restrita e, de alguma maneira, permeada por traços semânticos que permitem aproximar temporalmente do enunciador a situação passada apresentada. Nas palavras de Moreno de Alba (2006), “nos diálogos que mantêm os personagens das obras dramáticas é muito frequente que estes se envolvam como verdadeiros comentadores e não somente atualizem os fatos passados”. Notemos que ditas características são compatíveis com as funções desempenhadas pelo *perfecto compuesto*, expressando o valor de **antepresente**, por exemplo.

Conforme nos revela a tabela 2, ao longo da história, observou-se um uso predominante do *perfecto simple*, porém, notam-se textos de alguns períodos em que se destacam um grande aumento no uso da forma composta. Esse crescimento, segundo justifica Moreno de Alba (2006), refere-se ao caso de textos epistolares, *Documentos Lingüísticos de la Nueva España* (DLN – Primeira metade do século XVI), e dramáticos, como é o caso de *La Celestina* (CEL – fim do século XV) e *El sí de las niñas* (SIN – Fim do século XVIII).

Tabela 2: Frequência do PPS e PPC ao logo do tempo

	CID XII	GEI XIII	PED XIV	CEL XV	DLN XVI	LZT XVI	QUI XVII	SÍN XVIII	MÉX XX	Média %
%PPS	84	97	95	70	57	97	90	53	82	81
%PPC	16	3	5	30	43	3	10	47	18	19

Fonte: Moreno de Alba (2006, p.43) – Adaptação nossa³⁶.

³⁶ Para o estudo do desenvolvimento da oposição PPS/PPC, Moreno de Alba (2006), estabeleceu um *corpus* que envolve textos do século XII até o XX, valendo-se, a título de conhecimento, dos seguintes textos: *El cantar de mio Cid* (CID – meados do século XII), *General estoria: primera parte* (GEI – segunda metade do século XIII), *Crônicas de Pedro I* (PED – Segunda metade do século XIV), *La Celestina* (CEL – fim do século XV),

A aparente diminuição brusca de PPC no fim do século XVI e do século XVII se deve à observação de textos narrativos, em que, como é sabido, o enunciador procede à apresentação do enredo tomando-o a partir de uma concepção temporal terminada, de passado absoluto (PPS). O pouco uso da forma composta estaria sempre associado à fala dos personagens, expressando passados que estão próximos a sua fala.

Segundo Moreno de Alba (2006), o atual sistema de oposição característico do espanhol peninsular – em que o *perfecto simple* refere-se a situações passadas em um âmbito referencial anterior ao momento de fala (passado absoluto), enquanto que a forma composta refere-se a uma situação passada, envolta pelo mesmo âmbito de referência temporal do momento de fala (antepresente) – formou-se efetivamente no século XVIII. Romani (2006), por seu turno, recupera evidências já no espanhol medieval da oposição tal qual é conhecida atualmente, isso porque é nesse período que o PPC vai invadindo gradativamente o domínio do PPS, tomando dele a expressão do valor de antepresente.

A singular contribuição do estudo de Moreno de Alba (2006) deve-se, contudo, à percepção de dois processos diferentes de desenvolvimento da oposição entre o *perfecto simple* e o *perfecto compuesto*, um para a América e outro para a Península. Segundo defende o autor, é muito provável que a oposição feita nas variedades americanas fosse muito semelhante à feita no espanhol peninsular até o século XVI-II, isto é, com predomínio do PPS para referências passadas absolutas ou recentes (antepresente), enquanto o PPC era usado mais restritamente, quase sempre para expressar passados perfeitos atualizados, concebidos pelo falante como ainda presente ou que manifestavam efeitos no momento de enunciação. No entanto, conforme sintetiza a figura 6, no Novo Mundo “o emprego do *perfecto compuesto* em relação ao *perfecto simple*, diferente do espanhol europeu (em que vai aumentando ao menos nos séculos XIX e XX), vai diminuindo do século XVI adiante” – tal como nos mostra a tabela 3.

Tabela 3: Porcentagem de PPS e PPC nos documentos do Novo Mundo hispânico

	PPS	PPC
XVI	61	39
XVII	74	26
XVIII	80	20
XIX	85	15

Fonte: Moreno de Alba (2006, p.57) – adaptação nossa.

Company Company (2002) também analisa o uso contemporâneo que se faz do *perfecto compuesto* em uma variedade americana (México) e, comparando-o com o uso feito na segunda metade do século XV e início do XVI³⁷, afirma que as varia-

Documentos Lingüísticos de la Nueva España (DLN – Primeira metade do século XVI), *Lazarillo de Tormes* (LZT: meados do século XVI), *Don Quijote de la Mancha* (QUI – primeira metade do século XVII), *El sí de las niñas* (SIN – Fim do século XVIII) e a fala da cidade do México (MEX – Segunda metade do séc. XX).

³⁷ Momento prévio à grande divisão dialetal do espanhol provocada pelo descobrimento e colonização do Novo Mundo.

des peninsular e mexicana seleccionaram, de maneira diferente, um dos valores em competição nesse período e, por um processo de generalização, pouco a pouco o outro uso foi se tornando cada vez mais escasso. Desse modo, o cotejamento feito do uso atual do PPC na península e no México permite-nos ver, respectivamente, ora a preferência por um valor marcadamente temporal, de antepresente, ora a preferência por um valor aspectual, em que se marca a continuidade da ação ou de seu resultado no momento de enunciação – tal como se observa na tabela 4.

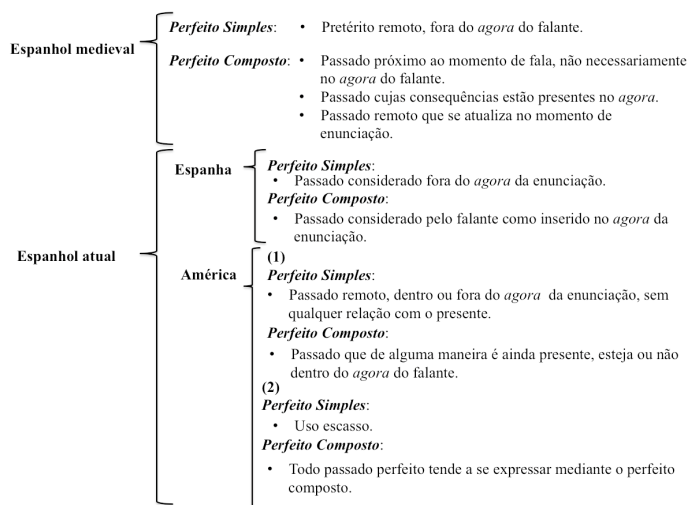
Tabela 4: Valores do *perfecto compuesto* no século XX. Espanhol Peninsular vs. Espanhol mexicano

	Referencial-Temporal	Pragmático-aspectual
Espanhol Peninsular	84% (253/300)	16% (253/300)
Espanhol Mexicano	4% (18/404)	96% (18/404)

Fonte: Company Company (2002, p.62) – Tradução nossa.

Em síntese, a mudança funcional dos *pretéritos perfectos* no espanhol seguiu por muito tempo um único caminho. Contudo, com o avanço ultramarítimo da língua (a partir do fim do século XV), o idioma encontrou-se com situações sócio-históricas particulares a cada um dos espaços em que era utilizado. Razão pela qual a oposição entre PPS e PPC se estabeleceu de diferentes maneiras, conforme a variedade diatópica da língua. Como já verificado por meio da figura 3, no momento da descoberta e início da colonização do Novo Mundo, a forma composta passava por um período de formação marcado por uma expressiva polissemia que, conforme devem nos mostrar os dados deste trabalho, pode ter conduzido a diferentes estados de uso do PPC, tendo em vista a variedade da língua espanhola analisada.

Figura 6: Diacronia e diatopia da oposição PPS/PPC



Fonte: Moreno de Alba (2006, p.64) – Tradução nossa.

Assim, segundo afirma Moreno de Alba (2006 – Figura 6), na variedade peninsular madrilenha optou-se por um sistema em que o PPS refere-se fundamentalmente a passados perfeitos considerados fora do âmbito temporal em que se enuncia (passado absoluto), ao passo que PPC é usado para situações passadas, mas inseridas no mesmo âmbito temporal em que se desenrola a enunciação (antepresente) – valor correspondente a etapas mais avançadas no desenvolvimento do PPC (Figura 1). Por sua vez, na América, foi possível o delineamento de dois macrocomportamentos diatópicos. O primeiro, de maior alcance no continente, apresenta um sistema em que a oposição não se deve à distância traçada entre a situação passada descrita e a enunciação – haja vista que ambas as formas podem fazer referência a ações com qualquer distância temporal –, mas ao fato de manter (PPC) ou não (PPS) sua continuidade ou resultado no presente. Esse comportamento demonstra, portanto, uma marcação aspectual que é resíduo dos primeiros valores adquiridos pelo PPC.

O segundo sistema, restrito à região andina, mostra o PPC referindo-se a qualquer situação em **passado absoluto**. Segundo Moreno de Alba (2006), enquanto se nota no sistema andino um escasso uso do PPS, no primeiro sistema americano se produz um crescente rechaço do *perfecto compuesto*, de maneira que a substituição de PPC por PPS se dá de modo cada vez mais efetivo a partir do século XVI (Tabela 3).

Considerações finais

Para concluirmos, o estudo do processo de formação e desenvolvimento do *pretérito perfecto* em espanhol permite que nos aproximemos do PPS e do PPC respeitando a complexidade que rodeia suas origens e desenvolvimento na expressão dos diferentes sentidos que lhes circunscrevem. Amparados por essa abordagem, verificamos que o desenvolvimento do *perfecto compuesto* nas línguas românicas e, mais especificamente, no espanhol, caracteriza-se por uma gradual e progressiva mudança em direção à expressão de tempus (categoria menos concreta). Desse modo, os traços aspectuais (de resultado e continuidade) próprios da origem da construção vão se alterando à medida que a forma composta vai se apropriando de valores mais temporais, o que lhe permite expressar os sentidos de antepresente e, até mesmo, de passado absoluto.

A mudança funcional sofrida pelo PPC colocou-o em condição de competição com a forma simples na expressão dos respectivos valores. Frente à configuração dessa variável, vimos que as línguas românicas apresentaram diferentes ajustes. O francês e o italiano, por exemplo, restringiram o uso do PPS a registros muito específicos e generalizaram o uso do PPC na expressão dos valores de passado. O espanhol, por sua vez, parece ter permitido diferentes acomodações das formas do *perfecto* nas variedades diatópicas da língua – apesar da existência de uma norma que afirma a generalização de PPC na expressão do antepresente e do PPS na expressão do passado absoluto. Nesse sentido, Moreno de Alba (2006) acusa a composição de três normas de uso historicamente constituídas na língua espanhola: peninsular, americana e andina.

Por fim, a consciência da existência de um processo de gramaticalização por detrás do uso aparentemente divergente e variável dos pretéritos nas variedades do espanhol conduz-nos à percepção de que a variação no uso (estratificação), a polisse-

mia (persistência) ou, ainda, a especificação funcional das formas verbais são comportamentos que apontam para uma mudança que parece ainda estar em construção.

Referências bibliográfica

- Alarcos Llorach, Emilio (1980): “Perfecto simple y compuesto”, en *Estudios de gramática funcional del español*. 3 ed., pp. 13-49. Madrid: Gredos.
- Alarcos Llorach, Emilio (2005): *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa.
- Andrés-Suárez, Irene (1994): *El verbo español: sistemas medievales y sistemas clásicos*. Madrid: Gredos.
- Araujo, Leandro Silveira de; Berlinck, Rosane de Andrade (2013): “Localizando o pretérito perfecto compuesto na linha do tempo: o estágio da gramaticalização do ppc nas variedades diatópicas argentinas”. *Revista Linguística* 9: 62-74.
- Araujo, Leandro Silveira de (2014): “A variação linguística no uso do pretérito perfecto compuesto espanhol: ponderações sobre o estado da arte”. *Entretexto* 14: 258-282.
- Barbosa, Juliana Bertucci (2008): *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português*. 2008. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.
- Company Company, Concepción (1983): “Sintaxis y valores de los tiempos compuestos en el español medieval”. *Nueva Revista de Filología Hispánica* 32/2: 235-257.
- Company Company, Concepción (2002): “Gramaticalización y dialectología comparada. Una Isoglosa sintáctico-semántica del español”. *Dicenda: Cuadernos de filología hispánica* 20: 39-71.
- Company Company, Concepción (2006): “Tiempos de formación romance II. Los futuros y condicionales”, en *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*: 349-418. Ciudad de México: FCE/UNAM.
- Company Company, Concepción; Cuétara Pride, Javier (2011): *Manual de gramáticas histórica*. 2 ed. Ciudad de México: UNAM.
- Detges, Ulrich (2000): “Time and Truth: The grammaticalization of resultatives and perfects within a theory of subjectification”. *Studies in Language* 24/2: 345-377.
- Detges, Ulrich (2006): “Aspects and pragmatics. The passé composé in Old French and the Old Spanish perfecto compuesto”, en: *Change in Verbal Systems. Issues on Explanation*. Eksell, Kerstin; Vinther, Thora (Org.), p. 47-72. Frankfurt: Lang, S.
- Gili Gaya, Samuel (1970): *Curso superior de sintaxis española*. 9 ed. Barcelona: Bibliograf.
- Gutiérrez Arus, María Luz (2001): “Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América”, en: *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes.
- Harris, Martin (1982): “The ‘past simple’ and the ‘present perfect’ in Romance”, en *Studies in the Romance Verb*, Harris, Martin; Nigel, Vicent. (org.), pp. 42-70. Londres: Croom Helm, p. 42-70.
- Heine, Bernd (1993): *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press.
- Hopper, Paul J (1991). “On some principles of grammaticization”. en *Approaches to Grammaticalization*, Traugott, Elisabeth Closs; Heine, Bernd (eds.), 1 v., pp. 17-35. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

- Jara Yupanqui, Ileana Margarita (2009): “El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano”. *Signo y Señal* 20: 255-281.
- Ledgeway, Adam (2011): “Grammaticalization from Latin to Romance”. In *The oxford handbook of grammaticalization*, Narrog, Heiko; Heine, Bernard, pp. 717- 736. New York: Oxford University Press.
- Lehmann, Christian (2002): *Thoughts on grammaticalization*. 2ed. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität.
- Meillet, Antoine (1912): *Linguistique historique et linguistique general*. Paris: Libraire Honoré Champion.
- Moreno de Alba, José Guadalupe (2006): “Valores verbales de los tiempos pasados de indicativo y su evolución”. en *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*, Company Company, Concepción (coord.), 1: 5-92. Ciudad de México: FCE/UNAM, 2006.
- Oliveira, Leandra Cristina de (2010): *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Paiva Boléo, Manuel de (1936): *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas: estudo de caráter sintático-estilístico*. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- Penny, Ralph (2014): *Gramática histórica del español*. Trad. José Ignacio Pérez Pacual e Maria Eugenia Pérez Pascual. Barcelona: Ariel.
- RAE (2010): *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa.
- RAE (2009): *Nueva gramática de la lengua española: Morfología y Sintaxis I*. Madrid: Espasa. 1 v.
- Rodrigues, Angélica Terezinha Carmo (2006): “*Eu fui e fiz esta tese*”: *as construções do tipo foi fez no português do Brasil*. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Rodríguez Louro, Celeste (2008): “Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino”, en *Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL*. CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 15. Montevideo. Montevideo: Alfal.
- Rodríguez Molina, Javier (2010). *La gramaticalización de los tiempos compuestos en español antiguo: cinco cambios diacrónicos*. 2010. 2277 f. Tese (Doctorado en Filología Española) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.
- Romani, Patrizia (2006): “Tiempos de formación romance I. Los tiempos compuestos”, en *Sintaxis histórica de la lengua española. Primera parte: La frase verbal*, Company Company, Concepción (coord.), 1: 5-92. Ciudad de México: FCE/UNAM.
- Schwenter, Scott A.; Cacoullou, Rena Torres (2008): “Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: The ‘perfect’ road to perfective”. *Language variation and Change* 20: 1-39.
- Serrano, María José (1995): “Sobre el uso del pretérito perfecto y pretérito indefinido en el español de Canarias: pragmática y variación”. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago de Chile, 35: 533-566.
- Serrano, María José (1994): “Del pretérito indefinido al pretérito perfecto: un caso de cambio y gramaticalización en el español de Canarias y Madrid”. *Lingüística Española Actual*, Madrid, 16: 37-57.
- Squartini, Mario; Bertinetto, Pier Marco (2000): “The simple and compound past in Romance Languages”, en *Tense and aspect in the languages of Europe*; DAHL, Östen, ep. 403-439. Berlin: Mouton de Gruyter.

- Tagliamonte, Sali A. (2012): *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Théoret, Michel; Mareuil, André (1991): *Grammaire du français actuel: pour les niveaux collégial et universitaire*. Anjou: Les éditions CEC.
- Torrego, Leonardo Gómez (2002): *Gramática didáctica del español*. 8 ed. Madrid: SM.